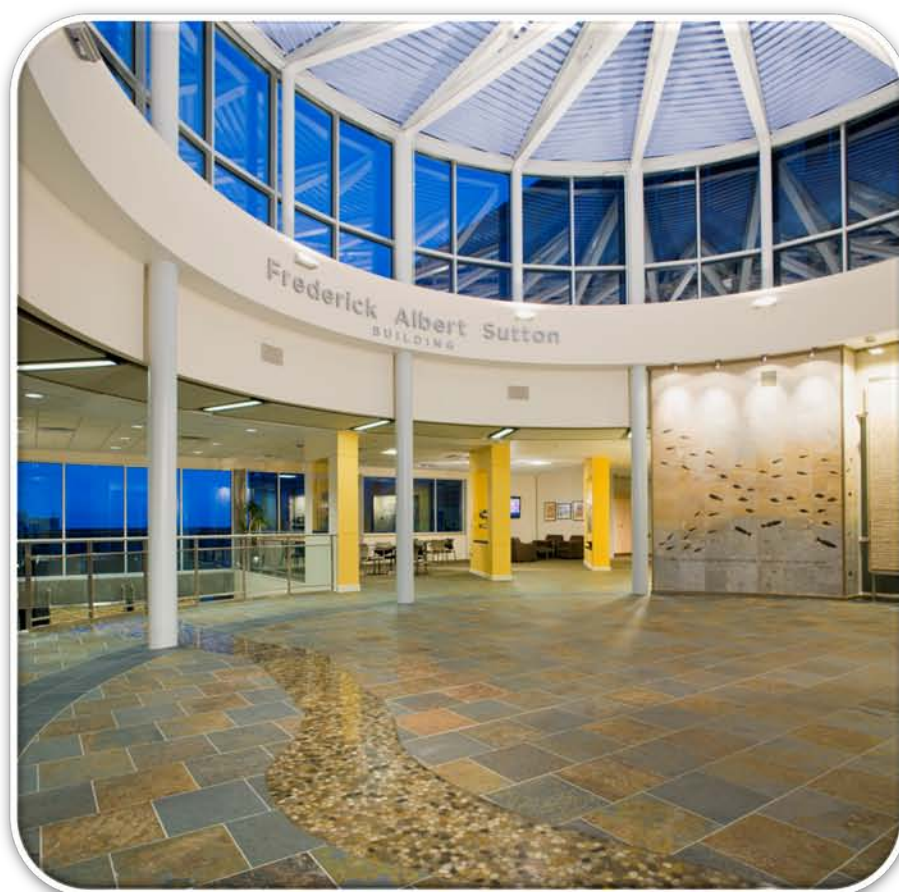


ABIROCHAS

Associação
Brasileira da
Indústria de
Rochas
Ornamentais

Informe 07/2011



Balanco das Exportações e Importações Brasileiras de Rochas Ornamentais e de Revestimento no 1º Quadrimestre de 2011

BALANÇO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS E DE REVESTIMENTO NO 1º QUADRIMESTRE DE 2011¹

EXPORTAÇÕES

As exportações brasileiras de rochas ornamentais e de revestimento totalizaram US\$ 281,5 milhões no 1º quadrimestre de 2011. Esse faturamento foi gerado pela comercialização de 636.582,16 t de rochas brutas e processadas. Frente ao 1º quadrimestre de 2010 registrou-se variação positiva de 0,99% no faturamento, e variação negativa de 1,87% no volume físico dessas exportações.

As rochas processadas compuseram 75,07% do faturamento e 45,54% do volume físico exportado. As rochas silicáticas brutas compuseram respectivamente 24,76% e 54,11% e as rochas carbonáticas brutas apenas 0,17% e 0,34%. O faturamento e o volume físico das vendas de rochas processadas recuaram respectivamente 4,52% e 10,43%, tendo-se registrado variação positiva de 22,19% no faturamento e de 6,34% no volume físico das exportações de rochas silicáticas brutas, basicamente correspondentes a blocos de granito. As exportações de rochas carbonáticas brutas somaram US\$ 471,86 mil e 2.193,26 t, com variação positiva de respectivamente 23,54% e 98,32%.

Registrou-se incremento do preço médio dos principais produtos exportados, como blocos de granito, chapas polidas de granitos e similares, ardósias e quartzitos foliados. A valorização dos produtos de ardósia continua insuficiente para compensar a já expressiva queda no faturamento (-19,13%) e volume físico (-25,20%) de suas vendas. A variação do preço médio e do volume físico de comercialização dos produtos das posições 6802.29.00 e 6802.99.90 sugere que os exportadores estejam utilizando essas posições da NCM para vendas anteriormente efetuadas apenas pelas posições 6802.23.00 e 6802.93.90.

As exportações mensais evoluíram de US\$ 48,8 milhões em janeiro, para US\$ 89,5 milhões em abril, avançando de 123 mil t para 194 mil t no mesmo período. Os números do mês de abril de 2011 são superiores aos do mês de abril de 2010.

A taxa de participação de rochas processadas, no total do faturamento das exportações brasileiras do setor, evoluiu de 64,5% em janeiro, para 72,2% no bimestre, 74,9% no trimestre e 75,1% no 1º quadrimestre de 2011. Uma evolução positiva foi também registrada para o volume físico dessas rochas processadas, cuja participação passou de 38,9% para 41,6%, 45,1% e 45,5%.

¹ Este texto foi elaborado pelo geólogo Cid Chiodi Filho – Kistemann & Chiodi Assessoria e Projetos, para a ABIROCHAS – Associação Brasileira das Indústrias de Rochas Ornamentais, em 13 de maio de 2011, Belo Horizonte – MG. Os dados primários sobre exportações foram obtidos a partir de consulta à Base ALICE do MDIC (www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br). A foto da capa mostra revestimento de piso em ardósias cinza e ferrugem, produzidas pela MICAPEL, aplicado em edificação da Universidade de Utah, EUA.

Houve, contudo, recuo dessa participação tanto em faturamento quanto em volume físico, frente ao 1º quadrimestre de 2010.

IMPORTAÇÕES

As importações brasileiras de materiais rochosos naturais somaram US\$ 20,37 milhões e 39.910,72 t no 1º quadrimestre de 2011, marcando incremento de respectivamente 46,1% e 33,5% frente ao mesmo período de 2010. As importações efetuadas pelos códigos 6810.19.00 e 6810.99.00, que incluem os produtos aglomerados, sobretudo em chapas, somaram por sua vez US\$ 8,76 milhões e 9.258,45 t, marcando variação positiva de respectivamente 29,4% e 6,6% frente a 2010.

As taxas de crescimento das importações, em valor e volume físico, e do preço médio dos produtos importados, continuam superiores às das exportações brasileiras de rochas ornamentais.

COMENTÁRIOS

Segundo a FUNCEX – Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, a valorização do câmbio e o aumento de custos, especialmente de insumos e salários, derrubaram a rentabilidade da grande maioria dos setores exportadores de 2011, a despeito dos reajustes de preços conseguidos no exterior. As empresas produtoras de manufaturados ainda enfrentam maiores limitações para aumentar preços, pois nesse segmento atuam competidores agressivos e com câmbio desvalorizado, como a China, Índia, Coréia do Sul e até os EUA. Destaca-se também, como inibidora da competitividade brasileira, a elevação dos gastos com logística, que encarece despesas com serviços.

Os poucos setores com aumento de rentabilidade, nas exportações de 2011, são os produtores de *commodities* agrícolas e minerais, com destaque para o minério de ferro. As dúvidas sobre o processo de recuperação das economias desenvolvidas, no entanto, provocaram, no último dia 5 de maio, uma queda dramática nas cotações do petróleo, das *commodities* agrícolas, dos metais e das próprias bolsas de valores internacionais. Este novo quadro reafirma o temor pela volatilidade do mercado de *commodities*, que historicamente apresenta grandes oscilações e não é considerado confiável para sustentação da atividade econômica.

No início de seu mandato, a presidente Dilma Roussef elegeu como prioritário o combate à inflação e declarou guerra à apreciação do Real frente ao US dólar, além de promover outras medidas corretivas da política econômica anterior. Foram, contudo, inócuas as intervenções para conter a valorização do Real, especialmente por meio da aplicação do IOF nas operações financeiras. O objetivo mais imediato do governo voltou-se agora para o combate à inflação, deixando em segundo plano as medidas macroprudenciais tomadas para regular o aporte de capitais ao País; novamente recorre-se à elevação da taxa básica de juros (SELIC) para enfrentar a alta dos preços,

criando-se um círculo vicioso. Durante encontro com empresários, o próprio presidente do BNDES, Luciano Coutinho, criticou a tendência do governo em priorizar o combate à inflação e abandonar o câmbio à própria sorte.

Segundo lideranças empresariais, os aumentos dos custos das matérias-primas e a falta de mão-de-obra qualificada de fato constituem focos de pressão sobre os custos das companhias. Apesar da clara desaceleração de atividade em alguns setores, o governo não deverá publicamente admitir um crescimento inferior a 4% em 2011, mas já foi noticiado, pelo Banco Central, que o PIB poderá sofrer desaceleração.

O Ministro da Fazenda, Guido Mantega, garantiu por sua vez que o governo Dilma não permitirá uma sobrevalorização excessiva do Real. Segundo Mantega, quando comparado a uma cesta de moedas, teria havido uma valorização de 35% no Real, mas que isto “não é uma valorização tão excepcional, tendo em vista que os fundamentos da economia brasileira estão hoje muito sólidos”.

De acordo com estudos recentemente divulgados por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Estadual de Maringá, o dólar deveria valer hoje algo como R\$ 2,90 para atingir a taxa ótima real de longo prazo. Esta taxa é aquela que, segundo os pesquisadores, “induz à alocação de recursos para os setores de maior produtividade da economia e leva ao desenvolvimento econômico”. Uma das conclusões do estudo é que “a moeda brasileira ficou persistentemente sobrevalorizada por quase todo o período compreendido entre 1999 e 2010”, e que “a taxa ótima real de longo prazo foi atingida em 2004”. Como se sabe, o US dólar tem fechado suas cotações no patamar de R\$ 1,60, quase a metade da referida taxa ótima real.

Outros estudos recentes apontam que o salário e dólar baixos, somados ao aumento da produtividade, deverão favorecer a retomada industrial nos EUA. Esta noção é reforçada pela tendência de um maior incremento dos custos salariais do setor industrial chinês, estimado em 17% a.a. nos próximos cinco anos, contra apenas 3% a.a. nos EUA.

Considera-se, por isso, que a era da terceirização industrial generalizada de produção dos EUA na China esteja chegando ao fim, esperando-se o renascimento da indústria de transformação americana nos próximos cinco anos. Isto significa, também como tendência, que os EUA voltarão a fabricar boa parte dos produtos consumidos no país. A China, por seu turno, deverá reduzir o incentivo à produção voltada para exportações, privilegiando os produtos direcionados para o seu grande mercado interno.

A China respondeu por 19,8% da produção mundial em 2010, pela primeira vez superando os EUA, que ficou com 19,4% do total. O crescimento da China, cuja fatia da produção mundial era de 35 em 1990, não deverá ser, contudo, obstaculizado pelo arrefecimento de suas vendas para o

mercado externo, pois a produção industrial chinesa continuará sendo sustentada pela sua imensa demanda interna, pelo menos por algumas décadas.

Os produtos mais atraentes para fabricação nos EUA, segundo os mesmos estudos, seriam aqueles elaborados em pequenas quantidades e que envolvem muitas mudanças e/ou alterações de projeto, ou seja, os produtos *cut-to-size* personalizados para o cliente. Itens produzidos em grandes lotes e com pouca variação, como televisores e celulares, continuariam a ser fabricados na China, inclusive para venda nos EUA.

Pode-se fazer uma analogia desses produtos customizados àqueles do setor de rochas ornamentais nos EUA, onde as empresas de acabamento e instalação representam o elo mais forte de trabalho da cadeia produtiva. Pelo que se pode entender, esse segmento de produtos customizados não seria tão facilmente dominado pelos padronizados chineses e poderia assim, em perspectiva, continuar demandando as chapas brasileiras.

No Informe Abirochas 06/2011 comentou-se que o avanço chinês no mercado de rochas dos EUA “só não tem ocorrido, com maior intensidade, porque empresas norte-americanas de construção e instalação compõem uma estrutura ainda bastante forte de trabalho e emprego no país, utilizando as grandes chapas polidas de materiais exóticos brasileiros como matéria-prima em sua atividade”. Julga-se necessário, portanto, persistir no mercado dos EUA, que se configura como a principal alternativa, ao próprio mercado interno brasileiro, de manutenção da nossa cadeia produtiva de rochas ornamentais.

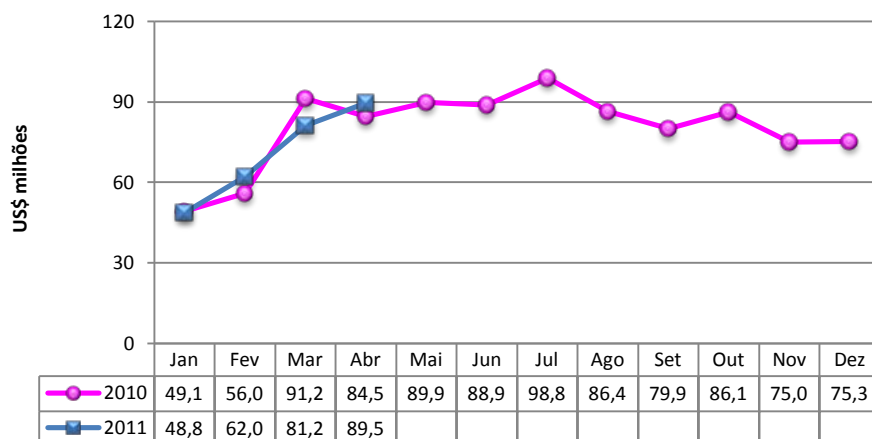
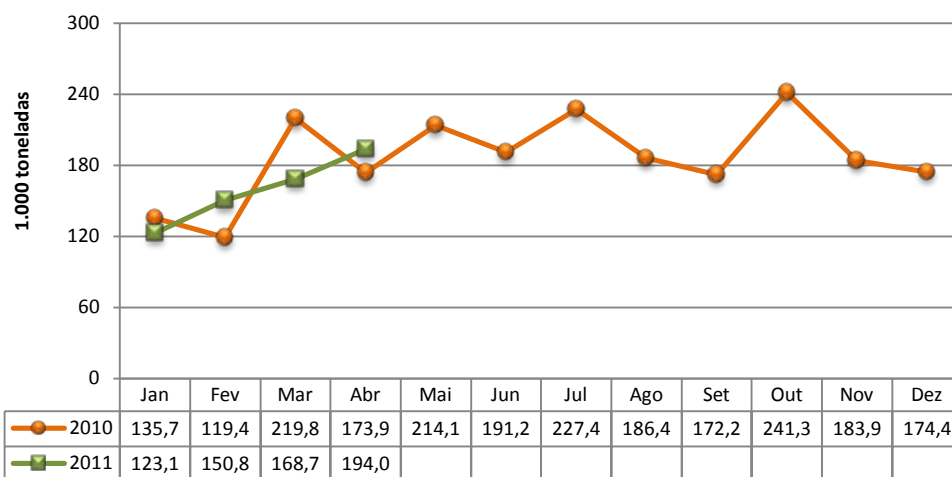
Do ponto de vista das relações comerciais com a China, os EUA estão fazendo sua lição de casa melhor do que o Brasil, apelando para a desvalorização de sua moeda, investindo em aumento de produtividade e redução de custos, perseguindo maior competitividade de seus produtos comerciais no mercado externo e garantindo parte de seu também enorme mercado interno para a produção nacional. Neste caso, sem parafrasear ninguém, o que está sendo bom para os EUA seria também muito bom para o Brasil.

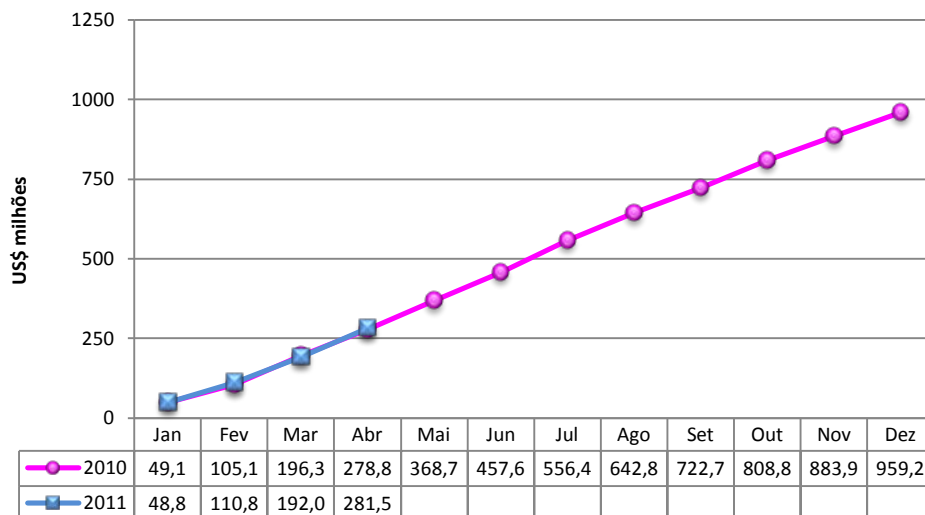
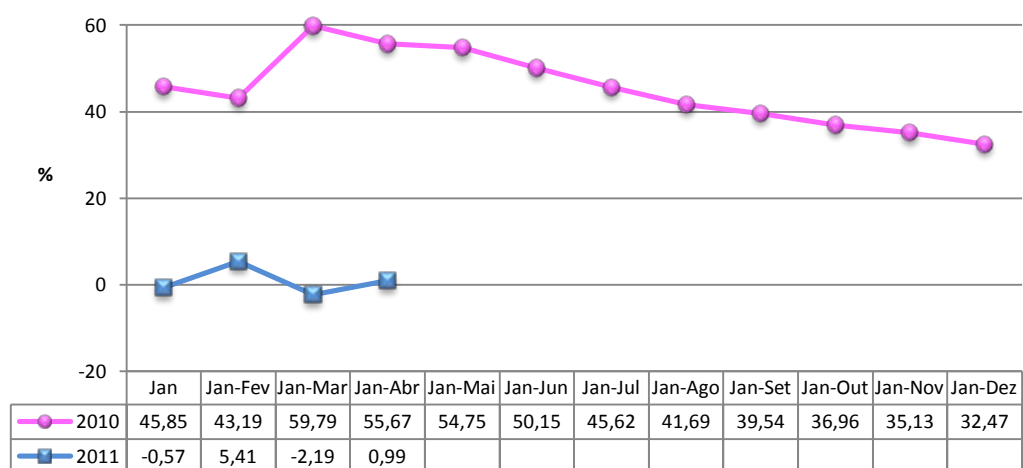
PERFIL DO FATURAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS

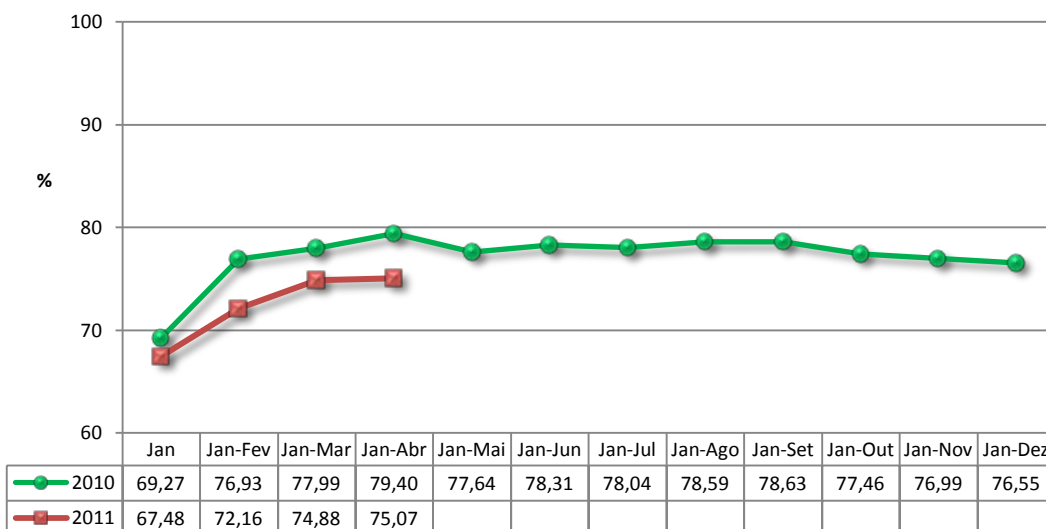
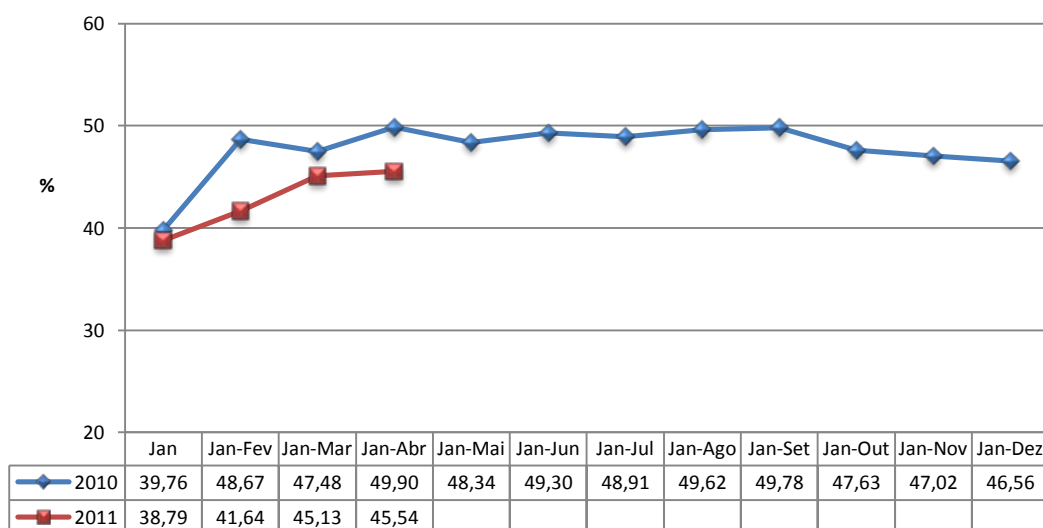
Produtos Comerciais	Posições NCM	Janeiro-Abril 2010		Janeiro-Abril 2011		Variação no Faturamento B/A (%)
		Faturamento A (US\$ milhão)	Participação Brasil (%)	Faturamento B (US\$ milhão)	Participação Brasil (%)	
Chapas Granito	6802.23.00 6802.93.90	179,44	64,4	171,57	60,95	-4,39
Blocos Granito	2516.11.00 2516.12.00	56,03	20,10	68,73	24,42	+22,67
Ardósia	2514.00.00 6803.00.00	24,15	8,66	19,53	6,94	-19,13
Quartzito Foliado	6801.00.00	9,85	3,53	11,05	3,93	+12,18
Pedra-Sabão	2526.10.00 6802.29.00	4,76	1,71	6,18	2,20	+38,57
Outros		4,52	1,62	4,44	1,58	-1,77
Total Brasil		278,75	100	281,50	100	+0,99

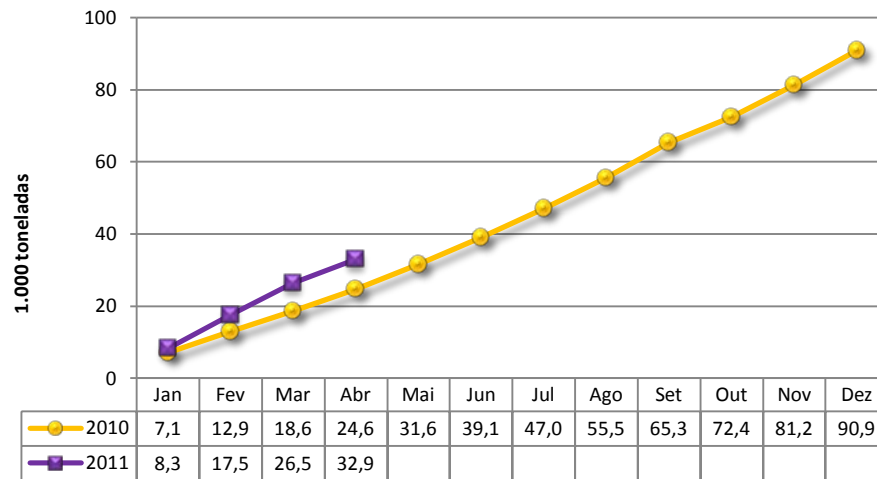
PERFIL DO VOLUME FÍSICO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS

Produtos Comerciais	Posições NCM	Janeiro-Abril 2010		Janeiro-Abril 2011		Variação no Volume Físico B/A(%)
		Peso A (1.000 t)	Participação Brasil (%)	Peso B (1.000 t)	Participação Brasil (%)	
Chapas Granito	6802.23.00 6802.93.90	226,06	34,85	205,50	32,28	-9,09
Blocos Granito	2516.11.00 2516.12.00	318,87	49,15	342,01	53,73	+7,26
Ardósia	2514.00.00 6803.00.00	56,26	8,67	42,08	6,61	-25,20
Quartzito Foliado	6801.00.00	34,94	5,39	34,53	5,42	-1,17
Pedra-Sabão	2526.10.00 6802.29.00	3,40	0,52	5,49	0,86	+61,47
Outros		9,18	1,42	6,88	1,08	-25,05
Total Brasil		648,71	100	636,58	100	-1,87

**EXPORTAÇÕES MENSAIS DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS
 2010-2011**

**EXPORTAÇÕES MENSAIS DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS
 2010 - 2011**


**EXPORTAÇÕES ACUMULADAS DO SETOR DE ROCHAS
 2010-2011**

**VARIAÇÃO COMPARADA DA TAXA DE CRESCIMENTO DO VALOR DAS
 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS - 2010-2011**


EVOLUÇÃO DA TAXA DE PARTICIPAÇÃO DE ROCHAS PROCESSADAS NO FATURAMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS

EVOLUÇÃO DA TAXA DE PARTICIPAÇÃO DE ROCHAS PROCESSADAS NO VOLUME FÍSICO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS


**IMPORTAÇÕES ACUMULADAS DO SETOR DE ROCHAS
 2010-2011**

**IMPORTAÇÕES ACUMULADAS DE AGLOMERADOS DE ROCHAS
 2010-2011**
